

# Padre defende a preservação da cultura indígena

## Coordenador da Pastoral Indigenista, Lino Allegri, lembra que 'o índio tem muito a ensinar ao branco' (Final)

A luta pela demarcação das terras caminha lado a lado com outra: a de garantir ao índio o direito de viver como índio. Para o diretor do Centro de Defesa dos Direitos Humanos da Arquidiocese de Fortaleza, o padre Lino Allegri, que é também coordenador da Pastoral Indigenista, isso só será possível a partir do reconhecimento e da preservação da cultura indígena. "Isso ajudaria, até mesmo, a cultura dominante, pois o índio também tem muito a ensinar ao branco", acredita.

Enquanto, atualmente, se fala muito em globalização da economia, para o padre na realidade essa globalização inclui, ainda, as questões culturais e traz o desconhecimento e a desvalorização da cultura dos povos minoritários. "Fala-se muito em integração cultural, mas na prática há o predomínio da cultura branca, neoliberal, do mercado, das classes dominantes".

Padre Lino Allegri entende não haver cultura melhor ou menos importante. "A globalização pode matar essa beleza que é a variedade cultural. Na cultura ocidental global predomina a idéia de que fora dela não existe mais nada, se morre", denuncia, explicando que os índios têm muito a ensinar como, por exemplo, a defesa pela preservação do meio ambiente, o amor à vida e uma religiosidade própria, pois possuem uma forma diferente de se relacionar com Deus.

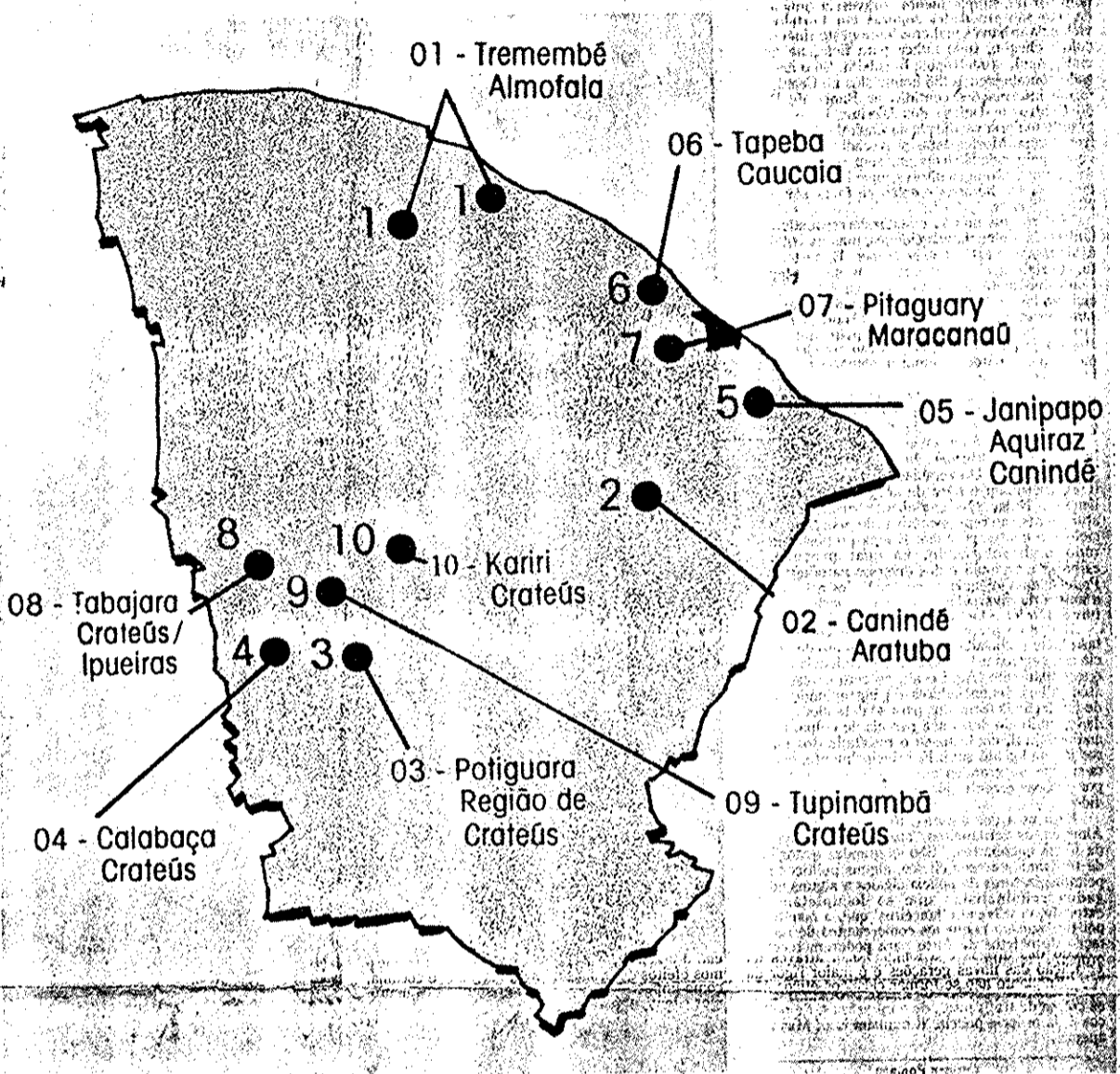
A Pastoral Indigenista procura apoiar o índio em suas lutas e anseios, e não fazer catecismo. "Fazemos uma ou outra celebração eucarística, mas apenas quando eles solicitam. Eu mesmo só celebrei duas missas na área dos Tapebas, juntamente com dom Aloísio Lorscheider (na época então arcebispo de Fortaleza)", disse.

Para o padre Lino, a negação da cultura indígena é uma forma de negar a própria existência do índio. "Há a mentalidade de que o índio não presta. Dizer para alguém 'você é índio' é uma coisa pejorativa", lembrou.

Mas apesar do preconceito, os estudos antropológicos confirmam a existência de índios no Ceará. Sobre isso, a secretária da Pastoral, Lourdes Cruz, explicou que em 87 antropólogo do Rio de Janeiro, Enio Trindade Barreto, visitou Caucaia e identificou ali a existência dos Tapebas, o mesmo aconteceu em com outras tribos do Ceará, em estudos feitos pela Fundação Nacional do Índio. Afora isso, o padre Lino Allegri adianta, ainda, que a etnia conserva suas características genéticas "porque é muito comum casarem entre eles, mantendo assim a pureza de sangue".

**TRABALHO EDUCATIVO -** A preocupação com a preservação da cultura indígena tornou-se uma das prioridades da Pastoral Indigenista entre as tribos cearenses. "Hoje há índios, principalmente os mais jovens, que desconhecem sua cultura", lamenta Maria Lourdes Cruz, secretária da Pastoral Indigenista, explicando que em 87 foi iniciado um trabalho educativo com as crianças da Comunidade Tapeba do Trilho, localizada próximo à antiga BR-222, na safra de Caucaia para Capuan. Hoje, os Tapebas já contam com três escolas que, além de alfabetizarem, têm um objetivo primordial: repassar para as crianças a história e a cultura de seus antepassados.

O mais interessante é que, nessas escolas, muitos dos professores são índios, na fase adulta. Embora a língua ensinada seja a Portuguesa, entre os ensinamentos estão informações sobre os rituais indígenas, a dança (no caso dos Tapebas, o Toré), a comida, a indumentária e o artesanato. Mesmo integrados com a comunidade e, em mu-



Mapa mostra ocupação dos índios em dez áreas do Estado Ceará. Em alguns locais, já descaracterizados, alguns Tapebas ainda usam o cocar (espécie de coroa de palha de tucum colocada na cabeça), colar feitos com sementes de plantas e árvores da região (como pau-brasil e linhaça) e saiotos.

povo chegou no Brasil muitos eras antes de Cabral.

**RESGATE -** Já em Almofala, município de Itarema, esse trabalho educativo de resgate da cultura indígena está em fase de implantação. Até o final do segundo semestre deverá entrar em funcionamento uma escola de alfabetização destinada, sobretudo, às crianças. No próximo ano, os Tremembés contarão, ainda, com a implantação do curso Supletivo, para jovens e adultos.

"Essas escolas são consideradas diferencia-

das, além dos ensinamentos básicos, elas passarão para os índios informações sobre a história da colonização e hábitos de seu povo", citou a coordenadora da Missão Tremembé, Maria Amélia Leite. Segundo ela, a Missão está, também, preocupada em desenvolver ações de valorização das atividades artísticas dos membros dessa tribo, como exemplo a de pintar com argila colorida, extraída do leito do rio Aracati Mirim. (MA)

Maryelly Almeida  
Repórter Especial

## Mulher é atuante na luta pela demarcação

A mulher indígena embora enfrente, quase sempre, a pobreza absoluta e a falta de instrução, tem seu lugar assegurado na história do seu povo e no seio da família. Basta dizer, por exemplo, que muitas vezes ela é tão ou mais atuante que o homem na luta pela demarcação das terras indígenas. Em Caucaia, ela é maioria nas reuniões para encaminhar essa luta. Ali, a índia também já toma a palavra anticoncepcional e numa demonstração de mais civildade que "o branco" a infidelidade conjugal é resolvida, via de regra, apenas com a separação do casal.

O índio não aceita ser traído, mas quando isso acontece não bate e nem mata, apenas deixa a mulher", disse Francineide Pereira da Silva, uma dona-de-casa Tapeba, 32 anos, mãe de oito filhos e que além de cuidar da família e dos afazeres domésticos vende caranguejo na antiga BR-220, próximo à ponte do Rio Ceará. Com uma aparência de quem tem bem mais de quarenta anos, as marcas do tempo se que estampam no rosto sofrido da índia Francineide não deixam dúvida: o principal problema da tribo vem da pobreza, tendo como causa o não acesso à terra dos antepassados.

O machismo não é uma característica marcante nos índios, diz Francineide Pereira, no que concorda o coordenador geral do Conselho Indígena Tremembé de Almofala, Francisco Manoel Pedro, embora adiante: "O homem é o chefe da família, mas a mulher tem seus direitos e é ouvida". Numa demonstração de consciência da sobrecarga que o sexo feminino enfrenta dentro de casa, ele explica: "A índia trabalha na cozinha e quando dá tempo no campo, junto com o homem, ou produzindo artesanatos".

Apesar de alguns avanços, em tribos onde os costumes são arraigados, como a dos Tremembés de Almofala (Itarema), na hora das refeições a mulher primeiro serve o homem, os filhos e depois a si própria. Porém, de acordo com a tradição indígena, o visitante tem privilégio sobre os demais membros da casa. "Acontece que como a pobreza é muito grande e a mulher é a última a comer, às vezes fica sem nada", diz Maria Amélia Leite, secretária geral da Missão Tremembé. (MA)

Foto: Antônio Carlos



Francineide Pereira: índia Tapeba

## Morte



As crianças vivem às margens do Rio Ceará, sem saneamento básico e expostas a infecção por parasitas

## Infecção respiratória mata crianças

Desde o início do ano até hoje, já morreram oito crianças indígenas das comunidades Tapebas existentes em Caucaia. Os óbitos foram provocados, em sua maioria, por infecções respiratórias. A informação é da índia Francineide Pereira da Silva. Porém, por trás da "causa mortis" dessas crianças, há um quadro pintado com cores sombrias: desnutrição, subnutrição e falta de saneamento. "A gente vive com muita dificuldade até para conseguir o pão de cada dia. Se a gente tivesse a terra, não passava tanta necessidade", disse ela.

Espalhados em várias áreas do município, os Tapebas vivem hoje em casebres, muitos deles de palha, sem aparelho sanitário ou qualquer outro equipamento de saneamento básico. Com as chuvas, a situação daqueles que vivem às margens do Rio Ceará se agrava. "A água entra dentro das casas e a gente é obrigada a sair", disse uma índia que não quis se identificar, explicando haver épocas em que as cheias do rio derrubam as casas dos Tapebas. "Muitas vezes o rio está poluído e deixa as crianças com muitas coceiras (micoses)", cita.

**SUBNUTRIÇÃO -** Com a subnutrição, muitas crianças apresentam anemia. Para complicar o quadro, o contato com o lixo e a falta de água potável tornam os menores vulneráveis aos parasitas (vermes).

"São muito comuns entre eles gripes, febres, cansaço e asma. As vezes, quando a mãe leva para um posto de saúde, as crianças estão tão fraquinhas que não adianta mais", disse Francineide Pereira, para quem a situação específica de miséria foi agravada, ainda, pelas chuvas. "Eu vendo caranguejo na pista da antiga BR-220, perto do Rio Ceará, mas agora com as chuvas o mangue fica coberto pelas águas e a gente não pega o caranguejo".

Atualmente, a alternativa encontrada por ela foi capturar o aratu (um marisco), que sobe em plantas do mangue. Com a ajuda de uma lamparina, a captura é feita após às 19 horas. Depois disso, ela prepara as "cordas" de aratus (com 19 unidades) e tenta vendê-las em Caucaia por um real. "Mas eles (os compradores) só dão sessenta ou oitenta centavos", reclamou. Em Almofala, município de Itarema, para não serem perseguidos pelos "invasores" de suas terras, hoje muitos os Tremembés vivem com trabalhadores rurais ou sobrevivem da pesca. "O problema é que eles não têm condições de acondicionar o peixe e o camarão, pois não possuem câmara frigorífica. Na falta até mesmo de veículo para conduzir o pescado, eles são obrigados a vender o camarão, por exemplo, por um real o quilo", a informação é da secretária geral da Missão Tremembé, Maria Amélia Leite. (MA)

## Apesar de ameaçados, índios mantêm hábitos

O índio cearense enfrenta, há anos, a ameaça da perda de sua identidade cultural. Maltrapilhos e mal alimentados, atuam no mercado informal de trabalho e constituem, sem dúvida, uma raça quase em extinção, embora alguns membros de suas tribos mantenham costumes e crenças de seus antepassados. Os Tremembés, de Almofala (em Itarema), por exemplo, conservam ainda hoje muito da cultura de seus ancestrais.

O Torém, considerada por eles uma dança sagrada, ainda hoje é praticada nos momentos marcantes, de alegria e dor, ou como manifestação de resistência em suas lutas. Segundo a secretária geral da Missão Tremembé, Maria Amélia Leite, os membros dessa tribo também mantêm o hábito de trabalhar em conjunto, em mutirão, ou seja em comunidade. Os Tremembés, costumeiramente, fazem as refeições sentados no chão, com as panelas colocadas também no chão, sobre um pedaço de plástico ou sobre uma tora de madeira, que pode ser a banda de uma janela.

Mesmo entre os poucos que possuem fogão a gás, o hábito predominante é o de usar o fogão a lenha. Além disso, há preferência ao peixe frito e ao grolado, alimento feito com a goma da mandioca. Leite é oferecido, praticamente, apenas às crianças. Verduras, também, quase não existem no "cardápio" desses índios, que vivem, quase sempre, miseravelmente.

Para Maria Amélia Leite, apesar de viver em conflito com os invasores de "suas terras", os Tremembés certamente ainda têm parte de sua cultura preservada. "Considerados nômades, que se perambulavam nos Estados do Maranhão, Piauí e Ceará, os Tremembés mantêm traços de simbolismos e misticismo, em sua cultura".

O coordenador geral do Conselho Indigenista Tremembé, Francisco Manoel Pedro, queixa-se daqueles que "dizem que não somos índios, porque querem ficar com nossas terras". Os conflitos oriundos da disputa pela terra levam muitos Tremembés a negarem a sua origem. "Nosso povo tem que esconder que é índio até para poder conseguir emprego", afirmou.



Maria Amélia Leite, secretária da Missão Tremembé